

## REFLEXÕES ACERCA DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E DA VIOLÊNCIA EM LONDRINA - PR

**Danilo Marcondes de Alcantara**  
Instituto Federal de São Paulo – IFSP  
Campus São Paulo Pirituba, São Paulo, SP, Brasil  
[alcantara.danilo@ifsp.edu.br](mailto:alcantara.danilo@ifsp.edu.br)

### RESUMO

O texto propõe a discussão acerca dos elementos que conformam o processo de segregação socioespacial na cidade de Londrina, no norte do Estado do Paraná, a partir da realidade vivenciada por sujeitos que habitam o Residencial Vista Bela, conjunto habitacional de grandes dimensões entregue sob financiamento do Programa Minha Casa Minha Vida, numa investigação realizada por meio de metodologias de pesquisa qualitativa. Na complexa série de problemáticas relatadas por esses sujeitos em entrevistas, destacou-se a questão da violência percebida e vivenciada em seu cotidiano no bairro, bem como as representações construídas pelos londrinenses que associam os moradores da periferia com a criminalidade. A segregação socioespacial é, portanto, observada neste estudo como um elemento central para se pensar o complexo problema da violência em suas dimensões objetivas e subjetivas.

**Palavras-chave:** Espaço urbano. Criminalidade. Estigmatização territorial.

### REFLEXIONS ON SOCIO-SPATIAL SEGREGATION AND VIOLENCE IN LONDRINA - PR, BRAZIL

#### ABSTRACT

The text proposes a discussion about the elements that shape the process of socio-spatial segregation in the city of Londrina, in the north of the State of Paraná, Brazil. This was achieved based on the reality experienced by individuals who inhabit Residencial Vista Bela, a large housing complex built under funding from the Minha Casa Minha Vida Program, in an investigation made through qualitative research methodologies. Among the complex series of issues reported by these subjects in interviews, the theme of violence perceived and experienced in their daily lives in the neighborhood stood out, as well as the representations constructed by Londrina residents who associate the residents of the periphery with crime. Socio-spatial segregation is, therefore, observed in this study as a central element to think about the complex problem of violence in its objective and subjective dimensions.

**Keywords:** Urban space. Criminality. Territorial estigmatization.

### INTRODUÇÃO

A violência se caracteriza como prática que rompe com os limites da preservação da integridade física, psicológica, moral e/ou patrimonial de uma determinada pessoa ou grupo social. Manifesta-se de diferentes formas: objetivas e concretas, subjetivas e simbólicas, apresentando aspectos que se relacionam com fatores sociais, econômicos e culturais dos mais diversos, o que enfatiza a complexidade de sua natureza. Na cidade, a dimensão espacial da violência e as múltiplas associações de seus fatores têm se revelado em objeto de inquietação, ao adentrarmos numa perspectiva histórica que considera a centralidade que passou a assumir os processos de urbanização e industrialização nos últimos séculos, ganhando no Brasil maior atenção nas últimas décadas do século XX, conforme discutem Adorno, Dias e Nery (2016).

As profundas transformações que perpassaram a sociedade e o território brasileiro na segunda metade do século XX repercutiram sobremaneira na dimensão que assumiu a violência nas cidades do país. Após um longo período de ditadura civil-militar, caracterizado pela repressão e supressão da cidadania, ainda que com relativa expansão econômica, novas perspectivas se abriram no processo de redemocratização, com ampliação do acesso das pautas dos movimentos sociais às políticas desenvolvidas nas diferentes esferas de governo. Se, por um lado, desenhava-se nas cidades a expansão dessas perspectivas numa tendência de reafirmação dos direitos, por outro, arquitetava-se o cenário de um novo padrão de estruturação da cidade, inicialmente nas metrópoles, caracterizado por uma crescente negação ao espaço público e a emergência de enormes muros, grades e sistemas de segurança, que passaram a acentuar cada vez mais a distância das elites e das classes médias em relação às camadas mais populares da população. Esse

fenômeno é fomentado, em particular, pelo medo do crime violento, tal como discorre Caldeira (2000) a partir do caso de São Paulo.

Feltran (2011) estabelece um exercício de pensar a história social do país nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI em relação às principais transformações na estrutura produtiva e no emprego, a partir de sua leitura sobre a periferia da metrópole paulista. Nesse período, as perspectivas mudaram completamente. Enquanto entre as décadas de 1960 e 1970 se consolidava um cenário de boa disponibilidade de emprego formal na indústria, o que atraiu um expressivo número de migrantes de diferentes regiões do país para a cidade de São Paulo e sua região metropolitana, a reestruturação produtiva marcada pela acumulação flexível, combinada com as políticas de cunho neoliberal, estancou a expansão dos direitos, particularmente sobre os cidadãos residentes nas periferias, durante os anos 1980 e 1990. Isso resultou em maior exigência de qualificação e redução das vagas em muitos setores, culminando em crescente desemprego e comprometimento da geração de renda de muitas famílias. Além disso, Feltran (2011) destaca a inclusão do Brasil nas rotas de comércio do tráfico internacional de drogas, o que resultou em uma crescente manifestação da violência, especialmente nas periferias da metrópole.

Ainda que a violência se apresente como fenômeno de grande complexidade, cuja discussão sobre seus fatores tem evoluído ao longo do tempo nas ciências humanas, partimos aqui da perspectiva de um movimento histórico demarcado pelo aumento e consolidação do desemprego estrutural, ampliação das diferenças entre os grupos e classes sociais, seu distanciamento nas cidades, crescimento dos mercados ilegais de drogas e armas, bem como o encolhimento da presença do Estado e das políticas públicas, especialmente em relação aos grupos mais vulneráveis. A combinação desses elementos indica caminhos para uma leitura crítica sobre a manifestação da violência nas cidades, que inicialmente ganhou destaque nas realidades metropolitanas mencionadas nos parágrafos anteriores, mas que vem assumindo uma importância crescente também em outras realidades urbanas, como as cidades médias.

Londrina é a segunda maior cidade do estado do Paraná, com aproximadamente 588 mil habitantes, de acordo com dados preliminares do Censo 2022. É um importante polo regional que teve um crescimento significativo devido à produção cafeeira em um primeiro momento e, posteriormente, consolidou-se como centro de negócios, comércio e serviços, atendendo a dinâmica urbana regional e absorvendo uma parte considerável da riqueza gerada pela próspera produção agropecuária do norte paranaense. Nesse sentido, Londrina pode ser considerada uma cidade média (SPOSITO, 2007; RIBEIRO, 2013), assumindo um papel de intermediação na rede urbana.

No entanto, na década de 1990, de acordo com Carvalho (2011) e Lolis (2011), a cidade de Londrina também passou a desempenhar o papel de intermediação no mercado ilegal do narcotráfico, devido à sua posição estratégica em um circuito compreendido pelas cidades de fronteira do estado (especialmente Foz do Iguaçu e Guaíra), o porto de Paranaguá e os grandes centros consumidores do Sul e do Sudeste. Foi nesse período que, associado a diversos fatores complexos, a cidade passou a apresentar um notável aumento nos números de crimes violentos, em especial os homicídios. As manifestações dessa violência em diferentes partes da cidade e suas repercussões nos diferentes estratos sociais são diversas e complexas, exigindo uma reflexão sobre processos interligados em múltiplas escalas e dimensões. Essa reflexão será demonstrada a partir da relação entre o Residencial Vista Bela e a cidade como um todo, principalmente por meio do conceito de segregação socioespacial.

## **SOBRE A METODOLOGIA**

A pesquisa que deu origem ao presente texto foi desenvolvida no âmbito de um doutorado, em que se objetivou investigar e refletir sobre as trajetórias de vida e as práticas espaciais de sujeitos que construíram seus percursos, em geral, nas periferias da cidade, e que passaram a coexistir em um novo lugar marcado pelas precariedades e limitações que caracterizam historicamente a lógica das políticas habitacionais destinada aos mais pobres no Brasil, em um contexto de privatização e concentração da terra urbana.

Os procedimentos elencados para a investigação foram preponderantemente de natureza qualitativa. Entre março de 2015 e junho de 2016, foram realizadas 30 visitas ao conjunto habitacional, que variaram desde caminhadas e observações mais breves, com duração de aproximadamente uma hora, até percursos mais longos e situações que envolveram entrevistas mais detalhadas com os moradores, com duração de até quatro horas. Em 2017, após a realização da qualificação, foram realizados mais dois trabalhos de campo na área, com o objetivo de observar quaisquer mudanças que pudessem ser registradas em fotografias.

Durante as caminhadas pelas ruas, tive a oportunidade de observar e registrar no diário de campo detalhes do cotidiano do Residencial Vista Bela. Nessas ocasiões, também estabeleci contato com a maioria dos sujeitos com os quais conversei, abordando-os enquanto estavam nas ruas, nas calçadas, em frente às suas casas, acompanhando as brincadeiras das crianças, trabalhando ou mesmo em momentos de

descontração com os vizinhos. Ao todo, conversei com 41 moradores/as, dos quais 16 foram entrevistados por meio de entrevistas semi-diretivas gravadas, em que parti de um roteiro previamente estruturado, mas sem a rigidez de um questionário no qual se objetiva atenção mais estrita às questões colocadas pelo entrevistador.

Dados estatísticos foram coletados para uma caracterização geral da área, da cidade de Londrina, bem como da política habitacional implementada pelo Programa Minha Casa Minha Vida. No entanto, a discussão apresentada neste texto tem como objetivo refletir sobre a problemática mais mencionada nas falas das moradoras e moradores com quem conversei: a violência. Especificamente, busquei explorar os elementos simbólicos e subjetivos que emergiram nos discursos dos sujeitos, priorizando as informações provenientes das entrevistas.

Além disso, procurei investigar como os grupos mais poderosos, principalmente representados pelo discurso midiático, enxergam o Residencial Vista Bela e reforçam o estigma associado à periferia pobre, relacionando-a com o crime e a violência. Ademais, as referências aos movimentos mais amplos de expansão da periferia e das práticas do crime violento, mencionados na Introdução e em outras partes do texto, são apresentadas como pano de fundo para ressaltar a importância da materialidade dos processos na formação dos elementos simbólicos expressos nas falas dos entrevistados, bem como nas representações produzidas pelos que olham “de fora”.

## **O ESPAÇO URBANO LONDRINENSE NUM CONTEXTO DE SEGRAGAÇÃO SOCIOESPACIAL**

O tecido urbano de Londrina revela uma cidade dispersa, resultado de uma prática comum em muitas realidades urbanas no Brasil a partir do século XX: o espraiamento de uma malha de empreendimentos situados cada vez mais distantes das áreas centrais consolidadas, recortados por uma malha viária que exige deslocamentos de longos percursos. A partir da década de 1970, principalmente, grandes loteamentos e empreendimentos financiados com subsídios governamentais foram construídos em áreas relativamente distantes do Centro Tradicional. Isso resultou na mudança de inúmeras famílias de classes médias e baixas para fora das áreas mais bem equipadas com infraestrutura. Nas décadas seguintes, o número de loteamentos irregulares, favelas e ocupações em áreas de risco aumentou significativamente, formando uma periferia extensa e em constante crescimento (RIBEIRO, 2013).

A desigualdade socioespacial, portanto, tornou-se cada vez mais evidente na paisagem urbana londrinense na medida que a periferia se expandia. Paralelamente, novos empreendimentos imobiliários e centralidades surgiam, reforçando a diferenciação de áreas, que em sua expressão mais extrema culmina na segregação, como evidenciado por Carlos (2007). A autora reflete como o espaço é produzido e reproduzido como uma mercadoria reprodutível e de acesso diferenciado, exigindo-se o dispêndio de altos valores para sua aquisição, ou seja, garantido a uma parcela minoritária da sociedade pelas vias formais de compra. A questão da terra, portanto, está no centro de uma problemática que afeta profundamente a sociedade brasileira: a desigualdade socioespacial, que exclui grandes parcelas da população do direito à moradia. O valor de uso da terra urbana, conforme a compreensão de Harvey (1980), é intrinsecamente importante para qualquer cidadão. No entanto, no capitalismo, ele é subjugado ao seu par dialético, o valor de troca, em que a terra assume papel relevante no processo de acumulação capitalista.

Em Londrina, os negócios relacionados à terra têm uma grande relevância desde pelo menos a década de 1950, como discutido por Fresca (2002). Nessa época, a cidade se consolidou como principal centro de concentração da riqueza gerada pela produção cafeeira no norte paranaense. Desde então, o mercado imobiliário tem crescido significativamente em termos de volume de produção e faturamento, expandindo-se para diferentes áreas da cidade e aumentando a malha urbana, o que resultou no surgimento de numerosos vazios urbanos. Um exemplo emblemático desse processo foi a incorporação do eixo sudoeste de Londrina como principal vetor de valorização do solo urbano no final do século passado, impulsionado pela inauguração do Catuaí Shopping Center em 1990, o primeiro e mais importante shopping da cidade. O grande vazio urbano situado entre esse empreendimento e o Centro Tradicional recebeu vultosos investimentos públicos e privados e passou por uma transformação completa nos últimos trinta anos. Essa área ficou conhecida como Gleba Palhano (Figura 1), um bairro que hoje se destaca como uma importante centralidade, oferecendo diversos serviços, especialmente nas áreas de saúde, lazer e alimentação, além de abrigar uma multiplicidade de empreendimentos verticais lançados principalmente por incorporadoras locais. O sistema viário foi amplamente modificado para atender à crescente demanda de moradores e visitantes, e houve uma remodelação do paisagismo do Lago Igapó, um dos principais cartões postais da cidade, que fica localizado no entorno do bairro. Essas transformações destacam a atenção do poder público para essa parte da cidade.

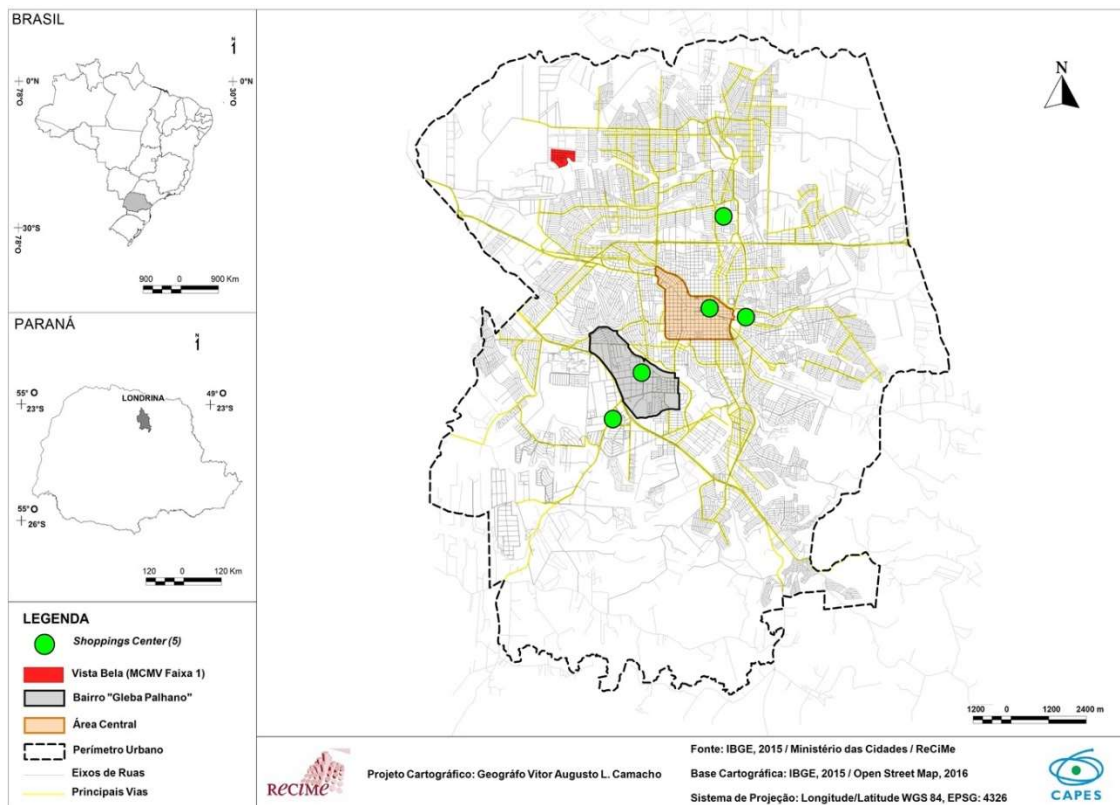
Figura 1 - Londrina (PR): Vista aérea do bairro Gleba Palhano.



Fonte - Plaenge, 2022.

Em um outro extremo, na porção noroeste de Londrina, logo após o anúncio do Programa Minha Casa Minha Vida em 2009, teve início a implementação de um dos maiores empreendimentos residenciais da cidade. O Residencial Vista Bela, financiado com os recursos do programa habitacional federal, contava com 2712 unidades habitacionais, incluindo casas e apartamentos. A entrega das unidades começou no ano de 2011, em uma área de expansão da malha urbana, como ilustrado na Figura 2.

Figura 2 - Londrina (PR): Localização do Residencial Vista Bela em relação às principais áreas centrais da cidade.



Fonte - Plaenge, 2022.

Na representação cartográfica contida na Figura 2, é notável a distância do Vista Bela em relação às mais importantes áreas centrais da cidade. Além disso, observa-se uma conexão limitada com as principais vias de acesso, reforçando a prática comum e histórica nas cidades brasileiras de afastamento dos mais pobres para as franjas dos núcleos urbanos. A abordagem da segregação socioespacial utilizada nesta discussão parte de uma leitura que a entende como resultado da “[...] radicalização e do aprofundamento de múltiplas formas de distinção, de segmentação, de desigualdades e, portanto, de diferenciação” (SPOSITO e GOES, 2013). Conforme discorre as autoras citadas neste parágrafo, ao longo das últimas décadas ampliou-se a complexidade dos processos que repercutem na (re)estruturação dos espaços urbanos, sendo o processo de segregação socioespacial entendido a partir de duas facetas: a segregação em si, compreendida como fenômeno mais antigo, no qual os grupos de maior poder econômico e político decidem pela separação total ou relativa dos grupos minoritários, no caso as camadas mais pobres; a autosegregação, processo este mais recente, porém amplamente disseminado nas metrópoles e em muitas cidades médias em todo o Brasil. Essas duas facetas, conforme apresentado por Sposito e Goes (2013), são observadas em Londrina, na medida em que parte considerável das elites e da classe média alta se enclausura em espaços residenciais fechados, tanto horizontais quanto verticais, enquanto grande parcela da população mais pobre se encontra separada das amenidades e da infraestrutura adequada para a reprodução de suas vidas, como é o caso do Residencial Vista Bela. Essas situações produzem elementos simbólicos que influenciam a percepção e compreensão da violência e do crime em muitas cidades brasileiras. Autores como Caldeira (2000), Adorno, Dias e Nery (2016) e Sposito e Goes (2013) discutem de diferentes maneiras como esses elementos simbólicos afetam a forma como a violência e o crime são observados e compreendidos, seja em grandes metrópoles como São Paulo ou em cidades médias como Londrina.

Nos primeiros anos após a entrega das chaves, conforme pude verificar junto aos moradores nos trabalhos de campo realizados na área, o deslocamento via transporte coletivo era escasso e de difícil acesso no Vista Bela, sendo que o próprio arruamento foi sendo concluído posteriormente. Esses aspectos, somados a uma série de outras limitações e dificuldades enfrentadas pelos moradores no começo, conforme relatado em dezenas de falas, indicam uma condição de segregação socioespacial.

Não tinha nada, nada, nem um mercadinho, quando abriu um mercadinho ali, eles enfiavam a faca, você ia pagar cinco reais numa caixinha pequena de sabão em pó, mas você tinha que comprar, né, não tinha outro lugar pra comprar (Cássia, moradora entrevistada em julho de 2015)<sup>1</sup>.

A referência da moradora diz respeito às dificuldades no acesso ao consumo de itens básicos, como um sabão em pó, que só começaram a ser parcialmente resolvidas com o tempo. Na expansão da periferia na cidade, o tempo do desenvolvimento no que se refere às condições essenciais da vida é bastante lento e, na maioria das vezes, exige a luta pela resolução das ausências por parte dos próprios sujeitos periféricos. No caso do Vista Bela, encontraram meios de mitigar a questão do consumo, além da própria condição de desemprego ou subemprego, por meio da abertura de pequenos estabelecimentos na área dos terrenos das casas, pois no projeto não houve qualquer preocupação em estabelecer espaços para o funcionamento de atividades comerciais, bem como áreas para a implementação de equipamentos públicos de saúde, educação, assistência social, ou mesmo locais para a prática de lazer e esportes. No entorno do conjunto habitacional, áreas ainda ocupadas por plantações de soja ou milho foram sendo incorporadas e loteadas ao longo dos anos que se seguiram à entrega das chaves, locais onde foram instaladas, após muita luta e reivindicação, uma unidade básica de saúde e escolas de ensino fundamental e médio, construídas e mantidas pelos governos municipal e estadual, além de estabelecimentos comerciais voltados ao atendimento do consumo mais básico. Um retrato de como era o Residencial Vista Bela no início da ocupação pode ser observado na Figura 3.

<sup>1</sup> Os nomes dos entrevistados são fictícios.

Figura 3 - Londrina (PR): Residencial Vista Bela.



Fonte - Anizelli (2012).

Nem escola não tem, não tem nenhuma escola ainda. Era previsto pra 2016 tá pronta já, né.

[...]

Eles tão dando passe pras crianças ir pra escola, tem um ônibus que leva as crianças daqui até a municipal, né. Mas eu já acho que a estadual vai ficar difícil, porque tem que pegar o ônibus de linha, a municipal a prefeitura tá mandando ônibus e leva pra escola, mas estadual já tem que pegar ônibus de linha. Aí você já se preocupa, porque você vai deixar sua filha ficar pegando ônibus, indo e vindo da escola, não sabe com quem anda. Porque quando a gente vem do emprego, ou do Centro, e pega esse ônibus cheio de criança da escola, nossa, você vê cada coisa, porque eles estão sozinhos, e se você tem a escola no bairro, não dá tempo deles fazerem tanta bagunça assim, chega logo em casa, você dá o tempo pra eles "oh, você sabe que você sai da escola e cinco minutos tem que tá em casa". E esse tempo no ônibus, andando dentro do terminal, pensa bem, o que que as crianças não aprontam, e os pais não têm como acompanhar, levar pra escola, buscar na escola, não tem jeito (Helena, moradora entrevistada em janeiro de 2016).

A fala da moradora revela a estratégia adotada pela Prefeitura Municipal para lidar com a ausência de escolas no conjunto habitacional. Durante os trabalhos de campo realizados entre 2015 e 2016, constatou-se a presença de apenas uma pequena escola municipal de educação infantil. Para as crianças que frequentavam os anos iniciais do fundamental, eram oferecidos ônibus que as transportavam para diversas escolas municipais. Já os adolescentes que cursavam o ensino médio, inicialmente foi disponibilizado o passe livre. Anos depois, o Governo do Estado construiu uma escola de ensino fundamental e médio, que seria a princípio utilizada também pela Prefeitura para a oferta dos anos iniciais do ensino fundamental. Todas essas práticas, das soluções improvisadas à lentidão no atendimento efetivo das demandas, evidenciam o descaso do poder público, demonstrando claramente o profundo descompasso entre as políticas públicas, neste caso, a discrepância entre a oferta de moradias com subsídios direcionados pelo Governo Federal e a provisão dos demais serviços essenciais para a vida dos moradores<sup>2</sup>.

As situações relacionadas ao deslocamento de crianças e adolescentes para diferentes escolas da cidade, conforme relatado pelos moradores, foram identificadas como um dos problemas mais significativos enfrentados no cotidiano da vida no conjunto habitacional. Além disso, a presença em si dessas crianças e adolescentes em escolas de ensino fundamental e médio em instituições localizadas em bairros diversos estava associada a ocorrências de conflitos envolvendo outros estudantes ou até mesmo profissionais dessas escolas.

<sup>2</sup> A complexidade das questões que envolvem de maneira mais ampla a política habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida tem sido objeto de reflexão por parte de pesquisadores em todo o país, incluindo muitos geógrafos e geógrafas, como pode ser observado em Calixto, Maia e Spinelli (2022).

R: É, tem crianças que sofrem bullying nas escolas por morar aqui no Vista Bela.

E: Meu filho no começo sofreu muito, os outros chamavam ele de Vista Bela na escola, não chamava ele pelo nome, minha filha também era chamada de Vista Bela na escola, os dois estudam no mesmo colégio, lá no Tiradentes; aí foi indo, eles foram vendo, porque daí a pessoa vai mostrando que tipo de caráter que tem... (Elisa e Roberto, moradores entrevistados em setembro de 2015).

As trajetórias de vida de grande parte dos moradores e moradoras por mim entrevistados durante a pesquisa já indicavam um caminho marcado por dificuldades e situações de exclusão, que foram reforçadas e ganharam uma nova dimensão após a mudança para o Vista Bela, resultando para muitos em uma real condição de expulsão, de segregação. Foi possível observar que essas trajetórias revelam também uma vida cotidiana submetida à violência simbólica, como descrito por Bourdieu e Passeron (2014), seja na escola ou em tantos outros ambientes, colocando esses sujeitos em uma posição de constrangimento em tantas situações, como a referida anteriormente, na qual a necessidade de explicitação do comportamento adequado e do caráter foram necessárias para aceitação no espaço escolar. A construção de um conjunto habitacional no qual quase três mil famílias passaram a residir teve um profundo impacto não só na estrutura da cidade, mas também no imaginário de seus moradores.

Retomando o trecho mencionado anteriormente, nas escolas, as representações construídas em relação às crianças residentes no Vista Bela eram predominantemente negativas, associando-as, em grande parte, às características negativas do lugar. A noção de estigma territorial, conforme abordada por Wacquant (1997, 2006, 2008), parece ser pertinente para refletir sobre a condição de marginalidade e inferioridade imposta aos sujeitos com quem conversei no Vista Bela. São pessoas que carregam consigo um conjunto de representações permeadas por aspectos negativos do lugar, fortemente relacionadas a sentimentos de medo e insegurança associados ao crime e à violência. Esses aspectos serão abordados em relação à problemática da segregação a seguir.

## CONVIVENDO COM A VIOLÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES

As referências e ideias costuradas até aqui tiveram o intuito de apresentar elementos que possam iluminar o complexo debate acerca da problemática da violência nas cidades brasileiras, em suas múltiplas facetas, particularmente no âmbito simbólico. A associação direta com a pobreza há muito passou a ser questionada e superada como fator preponderante, havendo diferentes elementos que exigem a problematização das questões sociais e econômicas, além dos aspectos políticos e culturais que corroboram para o quadro que vivenciamos hoje em realidades urbanas de diferentes portes.

Em Londrina, Lolis (2011) reflete como uma cidade muito rica para os padrões brasileiros passou a apresentar uma guinada tão acentuada nos dados acerca da prática de homicídios nos anos 2000, indicando que a segregação socioespacial seria um elemento central para se pensar o problema, pois cidades com riqueza mais concentrada e, portanto, maior desigualdade e áreas segregadas, estariam entre as mais violentas naquele momento. As desigualdades e as expressões da segregação nas periferias da cidade ressaltariam, segundo Lolis (2011), as frestas por onde o crime organizado e o narcotráfico entrariam atraindo jovens que passaram a configurar como os mais atingidos pelos crimes de homicídio. No cruzamento de dados realizado por Carvalho (2011) e Lolis (2011) acerca da ocorrência de homicídios em Londrina, as características das vítimas e o local de incidência constatou-se que no início da década de 2000 os números indicavam uma notável prevalência de vítimas jovens do sexo masculino, residentes principalmente de favelas, áreas de ocupação irregular ou mesmo conjuntos habitacionais. A falta de perspectiva de ingresso no mercado formal de trabalho, as dificuldades na permanência e êxito nos estudos, somadas aos desejos de consumo que dominam os imaginários dos jovens no período contemporâneo, seriam os fatores que estimulariam sua entrada nos mercados ilegais, particularmente o do tráfico de drogas, em franca ascensão na cidade no referido período, segundo as autoras citadas.

Só que daí você para e pensa: uma mãe, vamos supor, tem vizinhas minhas... uma conhecida, uma mãe com quatro filhos, tem filho pequeno, aí tem os horários que não é flexível pra você arrumar um emprego, ela vai viver de bicos, bolsa família; esse moleque estuda meio período, o resto da tarde que a mãe tá trabalhando fora, onde que essa criança fica? Tá na rua! Tá aprendendo o que? Aí ele se revolta, por quê? Porque ele entra dentro de casa, as vezes tem o arroz, as vezes não tem o feijão, as vezes tem uma fruta, as vezes não tem, quase nunca vê um iogurte, aí ele assiste na televisão que aquilo é necessário pra viver, que "ah, tal, um lançamento de um tênis, um lançamento de uma coisa", aí ele vê que o menino lá do Centro tem, ele tá aprendendo coisa que não presta, aí ele começa, ele se envolve com o mundo do crime, ele tem acesso à arma, à droga, que que vai gerar isso? O contraste do rico com o pobre, que é mais pobre porque é usurpado e sugado pelo rico e pelo Estado. Ele vai assaltar, ele vai roubar, é onde gera morte, é onde gera guerra entre eles mesmo, porque um tem e outro não tem... "ah, porque eu fui lá e eu roubei, agora eu tenho" (Elisa, moradora entrevistada em setembro de 2015).

O forte relato da moradora Elisa, ainda que não tenha feito referência a qualquer situação concreta, ressalta a percepção da própria sujeita da situação de segregação e dos conflitos de classe inerentes à realidade

urbana no mundo capitalista. Os sujeitos com os quais dialoguei em campo, em grande parte, percorreram trajetórias marcadas pelas privações, pela vulnerabilidade e pelo risco, muitos dos quais em situação de desemprego ou subemprego há muito tempo. Foram várias as falas de mães e de pais acerca da preocupação com seus filhos no que concerne aos perigos apresentados pelas drogas, sendo que o uso e o vício levariam, não em raros casos, garotos em situação mais vulnerável a participar das atividades ilícitas do narcotráfico, como constatou Lolis (2011) em sua pesquisa nas periferias de Londrina em momento anterior à construção do Vista Bela. No contraste apresentado por Elisa entre “o que ele [o jovem] vê na televisão que se torna objeto de desejo” e “o que ele aprende de errado na rua” resulta, por vezes, a prática do crime que vai de pequenos furtos e assaltos até situações mais graves envolvendo os mercados ilícitos de entorpecentes e os acertos de contas manifestados pelo homicídio, que tem esses jovens como vítimas preferenciais, conforme apresentado por Carvalho (2011) e Lolis (2011).

Mas é aquilo, cara, que você tinha perguntado, as pessoas quando mudaram pra cá, elas perderam a identidade delas, tá ligado, eu mesmo perdi a minha, cara. Quando eu morava no Chefe Newton, lá no Jordano, cara, eu conhecia todo mundo, mano, eu vim pra cá eu perdi totalmente, a gente perde a identidade, cara, você chega num lugar onde você não sabe nada, não conhece nada, não tem nada, sabe, não tinha um mercado, não tinha escola, não tinha nada. Se você quisesse comprar um refrigerante, você tinha que partir pro mundão aí fora, mano, pra você comprar um refri, pra você tomar, tá ligado. Então, ficou muito ruim, cara, a gente sofreu muito esses primeiros anos aí, foi embaçadíssimo, mano, foi super difícil. Isso aí gera muita... como veio muitas pessoas de [bairros diferentes], veio tráfico também de bairros diferentes, tipo, cada rua tem uma pessoa que controla o tráfico, sabe. Então, cara, isso aqui é um lugar onde... tipo, cara, a rua de cima não vem aqui, os caras de lá da esquina não vêm pra cá, os caras daqui não vão pra lá, então, sabe, é uma guerra por território, sabe. A gente não vê, porque a gente, pô, é uma coisa que é invisível, mano, pra nós que moramos aqui, mas quem tá no rolê ali, trabalha no bairro, tá ligado, entendeu, e isso é uma violência, é uma violência porque você acaba tendo os espaços [cerceados] (Henrique, morador entrevistado em junho de 2016).

Na pesquisa que deu origem ao trabalho que serviu de base para este texto, não tive por intuito levantar dados objetivos acerca das ocorrências de infrações e outros crimes realizados no Vista Bela<sup>3</sup>, nem outros aspectos relacionados a atuação do narcotráfico na área, que é um tipo de informação bastante complexa de ser trabalhada em qualquer lugar. Todavia, foram muitas as referências ao uso e mesmo ao tráfico de entorpecentes no conjunto habitacional, inclusive associando a mudança de diferentes facções de outros lugares da periferia da cidade que se encontraram e passaram a disputar território no Vista Bela, conforme relatado pelo morador Henrique. Importei-me, no caso, em como essas questões relacionadas à violência, tão mencionada nas falas de quase todos, impactaram em sua vida cotidiana na construção de vínculos com este novo lugar, bem como nas representações que associam toda essa dinâmica à periferia mais pobre, tornando-se o Vista Bela um local de destaque no imaginário londrinense. No início da fala de Henrique no trecho aqui transcrito, o morador menciona a “falta de identidade” com o lugar em comparação com seu bairro de origem, indicando as dificuldades enfrentadas na construção de vínculos que são permeados, muitas vezes, pelos conflitos<sup>4</sup>.

A violência era muito grande, cara, a gente viu coisas aqui, que olha, eu nunca imaginei que ia ver. Então, tipo, a gente ficou muito espantado. Tipo, eu e a Mariana, a Mariana estudou lá na UEL e tal, morou num bairro onde era tranquilo. Tipo assim, o bairro onde ela morava não era tranquilo, mas também não era um absurdo. Aqui, quando a gente mudou aqui a violência era muito grande, sabe, os caras roubavam carro e vinham pra cá, roubavam casa, deixavam o carro aqui ó, encostava o carro aqui e saía fora, deixavam o carro esfriando aqui. A gente viu um cara espancando uma mulher aqui no meio da rua, dois anos atrás, não faz tanto tempo não, viu, espancaram a menina no meio da rua, passou no Brasil inteiro, cara, os caras filmaram, passou no jornal (Henrique, morador entrevistado em junho de 2016).

Em outro trecho da fala do morador Henrique, a referência é mais explícita às diferentes manifestações da violência no conjunto habitacional nos primeiros anos de ocupação, algo que foi repetido por vários outros moradores. Até os primeiros equipamentos e serviços públicos chegarem e a infraestrutura do local permitir alguma melhoria nas condições de vida da população que lá residia, foi um difícil processo de adaptação, no qual a segregação socioespacial se manifestava de forma extrema, sendo os diferentes tipos de violência e criminalidade uma das mais pesadas interfaces desta condição. Para além das práticas que supostamente se materializavam por meio de pessoas e grupos que lá residiam, a situação de abandono e exclusão do conjunto habitacional abriu margem para o uso daquele espaço até mesmo por infratores de fora do bairro.

<sup>3</sup> Em texto que resultou das experiências de um projeto de extensão sobre mídias alternativas e juventude, Cristiano et al (2019) esclarecem que foi considerado como critério de escolha da área a ser trabalhada no projeto os bairros com maior registro de violência praticada por jovens no ano de 2013, de acordo com dados da Delegacia do Adolescente. O bairro Perobinha, onde está situado o Residencial Vista Bela, destacou-se como o mais violento naquele momento.

<sup>4</sup> Sobre a questão de “não pertencimento ao lugar” que permeia a trajetória de sujeitos nas periferias, ver Lindón (2005).



Destarte, ressalto aqui que a segregação comparece como um dos pressupostos da manifestação da violência em suas diferentes interfaces: de um lado, por meio da materialização do crime violento que se cristalizou na memória de quase todos os sujeitos com quem conversei em referências aos primeiros anos de ocupação do conjunto habitacional, algo que só foi atenuado na concepção desses moradores quando justamente o lugar passou a se conectar melhor com o restante da cidade; ademais, também por meio das representações construídas no imaginário dos londrinenses que empurraram os diferentes tipos de violência, da física à simbólica, para este espaço à margem da cidade.

Massey (2004) desenvolve a ideia de como os lugares são construídos, inclusive, pela necessidade de negociação pela coexistência entre sujeitos de trajetórias diversas, que precisam em suas vidas cotidianas lidar com conflitos de diferentes naturezas. No complexo processo de vinculação com aquele lugar, os sujeitos que passaram a residir no Vista Bela aos poucos foram negociando sua coexistência, lutando e reivindicando maior atenção do poder público quanto aos seus direitos básicos, buscando formas de começar a superar sua condição de segregação, o que em certo momento, segundo as falas dos sujeitos entrevistados, refletiu-se na redução das manifestações de violência, nas brigas e homicídios, nas supostas disputas por território entre os grupos de narcotraficantes, conforme já colocado. Reforço, neste ponto, que a vida foi se tornando mais possível na medida em que o conjunto habitacional entregue por uma política pública foi se conectando um pouco mais com o conjunto da cidade.

Todavia, para além da materialidade do crime violento, vivenciado de diferentes formas e manifestado num sentimento profundo de insegurança no início da ocupação do Vista Bela, os moradores tiveram que lidar desde o princípio com um universo de representações relacionadas à associação direta entre violência e criminalidade e os sujeitos que habitam as periferias, numa insistente reprodução histórica da cultura de identificar os pobres como potenciais bandidos, conforme verificado por Feltran (2011) e Caldeira (2000) em São Paulo.

Em Londrina, a concentração da riqueza e dos investimentos públicos e privados, tal como discutido anteriormente, produziu áreas consideradas nobres que conferem elevado status para seus moradores, ressaltando-se as positivities do lugar. O bairro Gleba Palhano, em destaque nas Figuras 1 e 2, seria o contraponto mais notável àquilo que tem representado o Vista Bela no imaginário dos londrinenses em geral, um lugar repleto de amenidades, valorizado, bonito e seguro, sendo referenciado dessa forma até mesmo por moradores do conjunto habitacional, indicando, portanto, uma clara reprodução da violência simbólica a qual são submetidos esses sujeitos, como discutido por Bourdieu e Passeron (2014). Na outra ponta, o Vista Bela carrega os estigmas construídos acerca da associação direta entre periferia e criminalidade, em uma expressão da violência que pode ameaçar toda a cidade, que cada vez mais busca se proteger entre muros altos e sofisticados sistemas de segurança. Tais medidas, inclusive, resguardadas as suas especificidades, passam a se manifestar também nas próprias periferias, denotando a complexidade dos processos sociais em curso nas cidades brasileiras. Na Figura 4, pode-se observar um dos condomínios de apartamentos localizado no Vista Bela em que a tradicional cerca de alambrado, entregue pela construtora, foi substituída por muro de concreto com aparato de segurança na parte superior, conhecido como concertina.

Figura 4 - Londrina (PR): Condomínio de apartamentos no Residencial Vista Bela.



Fonte - Autor (2017).

Nos noticiários locais, especialmente nos programas televisivos que exibem conteúdo de “cunho policial”, é possível verificar a recorrência de menções a situações envolvendo práticas criminosas e violentas no Vista Bela ou por parte de seus moradores, conforme levantamento realizado por mim em vídeos postados pelas emissoras em seus canais no Youtube ou mesmo mencionado por moradores que entrevistei durante a pesquisa. A TV Tarobá (afiliada da Band), por exemplo, exibiu vários programas ao longo dos anos no qual os apresentadores expressavam suas opiniões acerca das representações que foram construídas sobre o Vista Bela. No dia 8 de janeiro de 2016, na referida emissora, o apresentador Cid Ribeiro começa sua fala da seguinte forma: “Virou terra de ninguém. Pelo jeito, no Residencial Vista Bela, quem manda é a bandidagem”. O apresentador discorre na sequência sobre um caso em que a reportagem, acompanhada da polícia militar, foi recebida por um jovem que indicava estar portando uma arma de fogo, alegando que não iria permitir que nada fosse gravado em seu bairro. O apresentador se mostra indignado com a desmoralização da polícia militar em Londrina, exclama que os pelotões de elite da polícia deveriam fazer “uma limpa” naquela área, pois o conjunto habitacional, nas palavras dele, estaria dominado por vagabundos. Em uma singela menção ao fato de que haveria muitas pessoas boas vivendo no bairro, Cid Ribeiro pondera que tem sido levado a crer que uma grande parcela dos moradores seria composta por bandidos (TAROBALONDRINA, 2016).

Tudo é aqui, tudo acontece aqui, tudo foi daqui, entendeu, tudo assim. Acho incrível isso, tem tanta gente boa, eu mesma, eu trabalho, não é só eu que trabalho, todo mundo aqui, a maioria trabalha, a maioria são pessoas honestas. Agora, as pessoas que fazem, tipo, o Carlos Camargo, eu não assisto mais ele, ele fala demais daqui. [...] Eu parei de assistir, você acredita? E eu assistia muito, muito. Teve uma época, depois que eu comecei a estudar, falei: “que desgraça de homem que só fala mal do lugar onde a gente mora”. Minha filha chama ele de fofoqueiro: “mãe, ele é fofoqueiro, sabe da vida de todo mundo” – “não, filha, é o trabalho dele” – “ah, mas que ele é fofoqueiro, ele é, né, mãe”. É demais, gente, eu não assisto mais, não assisto mais. Meu irmão sempre falava pra mim: “um dia você não vai mais querer assistir esses caras, esses caras só te põem pra baixo, é falta de cultura assistir isso, Simone”, e é verdade! Ratinho, Camargo, é só isso... e eu não assisto mais, você viu como eu mudei (risos), uma coisa foi bom. E ele fala todo dia mal daqui, nossa, to pegando um nojo da cara dele (Simone, moradora entrevistada em janeiro de 2016).

A moradora Simone faz menção a outro apresentador da TV local, Carlos Camargo, seguramente o mais conhecido na região, que se tornou a principal referência para este tipo de conteúdo. Outros sujeitos com quem conversei mencionaram a representatividade que o Vista Bela possui neste tipo de conteúdo televisivo. Todavia, para além das projeções criadas pela mídia local, reverbera sobremaneira a forma na qual a cidade, como um todo, enxerga o conjunto habitacional, obrigando seus moradores a passarem por situações como a omissão do endereço na procura de uma vaga de emprego, conforme relatado durante a pesquisa.

Os discursos de associação do Vista Bela com a criminalidade estão na base do imaginário construído pelos londrinenses sobre o conjunto habitacional, algo que está também enraizado na formação da sociedade urbana brasileira. Essa perspectiva enxerga a pobreza como de responsabilidade do próprio pobre e, além disso, a criminaliza, conforme discute Kowarick (2009).

Por meio da fala dos sujeitos entrevistados e da minha própria percepção do que os de fora enxergam sobre o Vista Bela, reconheci a existência de um imaginário associado a um lugar com aspectos preponderantemente negativos. Esse lugar passou a ser habitado por milhares de sujeitos que já viviam em outros espaços tradicionalmente vinculados a esse tipo de imaginário, como expresso pela moradora Jandira: “juntou todas as favelas num lugar só” (Entrevista realizada em março de 2015). Dessa forma, baseado na obra de Wacquant (1997, 2006, 2008), faço uma leitura dessa representação negativa do lugar utilizando o conceito de estigma territorial.

Em sua discussão acerca da “marginalidade avançada”, na qual aborda o aprofundamento da privação de direitos básicos e da assistência estatal em relação à população mais pobre e historicamente excluída, Wacquant (1997) destaca o estigma associado ao lugar de residência do sujeito. Embora o trabalho de Wacquant se concentre em estudos de caso de países com capitalismo avançado, como Estados Unidos e França, sua contribuição teórica e as reflexões sobre a produção do estigma nesses lugares são bastante relevantes para a análise que estou propondo neste trabalho.

Os efeitos da estigmatização territorial também se fazem sentir ao nível das políticas públicas. A partir do momento em que um lugar é publicamente etiquetado como uma zona de não-direito ou uma cité fora da lei e fora da norma, é fácil para as autoridades justificar medidas especiais, derogatórias face ao direito e aos costumes, que podem ter como efeito – quando não por objetivo – desestabilizar e marginalizar mais ainda os seus habitantes, submetê-los aos ditames do mercado de trabalho desregulado, torná-los invisíveis ou escorraçá-los de um espaço cobiçado (WACQUANT, 2006, p. 30).

A estigmatização territorial, conforme descrita pelo autor, é perpetuada até mesmo pelo Estado, que, em vez de responder às urgentes demandas da população residente em lugares estigmatizados, acaba muitas vezes reforçando esse estigma. Um exemplo disso são as atitudes violentas e indiscriminadas das forças policiais, particularmente nos primeiros anos de ocupação do conjunto habitacional, conforme relatado nas entrevistas. Fernandes (2009), ao discorrer sobre a situação de segregação dos moradores das favelas no Rio de Janeiro e a estigmatização que recai sobre eles na associação da violência com a negritude e a pobreza, utiliza o arcabouço teórico produzido por Loic Wacquant. O referido autor destaca que os processos mais amplos identificados pelo sociólogo francês nos países mais ricos se reproduzem em escala diferenciada no Brasil. O morador da favela, especialmente o jovem negro, carrega em seu corpo os signos que o associam ao medo e a violência, limitando seu acesso a determinados espaços na cidade, como os shopping centers, o que resulta em uma inserção urbana restrita, marcada tanto pela violência física quanto pela simbólica. Em meu estudo, no contexto de Londrina, pude observar alguns desses processos por meio dos relatos dos sujeitos que vivem cotidianamente a sua situação de segregação e as consequências disso em sua mobilidade pela cidade.

Diante do exposto, aparecem diferentes perspectivas sobre como a violência e suas representações influenciam as práticas espaciais no cotidiano dos residentes do Vista Bela. É importante destacar que, mesmo dentro do universo de algumas dezenas de sujeitos com os quais conversei, pude observar a heterogeneidade desse grupo em diferentes aspectos, como o tipo de residência de origem (casas alugadas em bairros consolidados, barracos em favelas, ocupações em fundos de vale, entre outros) e faixa de renda. Havia aqueles que conseguiram, em certa medida, melhorar suas condições de vida por meio de melhorias nas casas e tinham um acesso mais estável a fontes de renda familiar mensal. Além disso, suas famílias possuíam uma estrutura mais sólida, com filhos acessando escolas públicas em período integral ou até mesmo o ensino técnico ou superior.

Por outro lado, havia aqueles que permaneciam atados a trajetórias marcadas por limitações e dificuldades relacionadas à instabilidade no acesso a empregos formais e à renda. Muitos desses lares eram chefiados por mulheres que precisavam garantir de alguma forma o sustento da família e lidar com tarefas domésticas. Elas tinham que conviver com preocupações ou mesmo experiências de filhos adolescentes envolvidos com o tráfico de drogas ou outras atividades ilícitas, colocando-os em maior risco de diferentes tipos de violência.

No quadro geral, no entanto, esse universo de quase três mil famílias compartilhava o peso das representações e estigmas construídos em torno do Vista Bela, que os associavam quase que naturalmente à prática do crime e ao aumento crescente da insegurança na cidade. Isso reflete a perpetuação da profunda desigualdade que caracteriza nossa estrutura social e assume, na cidade, uma dimensão espacial marcada pelo abismo entre aqueles que estão melhor inseridos no tecido urbano e aqueles que, removidos de um lado para outro, continuam vivenciando as condições de exclusão e segregação socioespacial em suas trajetórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trajetórias de vida e de cidade dos sujeitos que residem no Residencial Vista Bela foram, em maior ou menor medida, influenciadas pelas diversas manifestações das desigualdades que estão no cerne da sociedade brasileira. A questão da terra desempenha um papel central nesse contexto, uma vez que grande parte das famílias não teve acesso, de forma legal, ao direito à moradia, ocupando áreas de propriedade de terceiros, que em algum momento passaram a ser requisitadas, ou áreas consideradas inadequadas e/ou perigosas, como os fundos de vale, que são comumente ocupados em Londrina. Em outras partes da cidade, novos produtos imobiliários são comercializados, incorporando elementos concretos e simbólicos associados à segurança, à natureza e ao ideal de convivência com os seus semelhantes. No entanto, os preços desses empreendimentos permitem o acesso apenas a uma minoria privilegiada, intensificando o processo de diferenciação de áreas e aprofundando o abismo entre os fragmentos de uma cidade cada vez mais desigual. Isso resulta em áreas de segregação socioespacial, onde a convivência entre os diferentes estratos sociais é cada vez mais limitada e, quando ocorre, está permeada pela violência simbólica ou até mesmo física.

As experiências compartilhadas comigo pelos moradores do Vista Bela, embora revelem um quadro heterogêneo de pessoas que coexistem naquele lugar e conseguiram acessar a moradia via política pública, permitiram observar nuances dos processos debatidos neste texto, levando em consideração suas dimensões objetivas e subjetivas. A condição de segregação separa essas pessoas do tecido urbano consolidado e as coloca em uma posição extremamente desprivilegiada em termos de convivência e associação com diferentes formas de violência. O medo e a insegurança as afetam, seja pela proximidade

das atividades ilícitas do narcotráfico, seja pela atuação das polícias, que muitas vezes as consideram suspeitas com maior facilidade do que aqueles que residem em áreas consideradas amenas, especialmente se forem jovens negros. Dessa forma, fica evidente como a conexão precária com o conjunto da cidade, embora tenha melhorado relativamente ao longo dos anos, desempenha um papel fundamental para compreender as diversas manifestações dessa violência.

A segregação extrema que ocorreu no início da ocupação do conjunto habitacional abriu espaço para a proliferação de atividades criminosas, que encontraram nas condições de vulnerabilidade do local uma oportunidade para atuar. Desde então, uma série de representações sobre o Residencial Vista Bela e seus moradores foi construída no imaginário de muitos londrinenses, tornando a convivência com a violência uma dimensão da vida cotidiana desses sujeitos.

Muitas das vezes, a expectativa de que as coisas melhorem com o tempo é o que se pode vislumbrar no horizonte, afinal ocorreu assim em tantos outros bairros periféricos da cidade. No entanto, nas periferias, os avanços são geralmente lentos, contrastando com o rápido crescimento em tamanho e geração de riquezas da cidade como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S.; DIAS, C. N.; NERY, M. B. A cidade e a dinâmica da violência. In: KOWARICH, L.; FRÚGOLI JR., H. **Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos**. São Paulo: Ed. 34, 2016.
- ANIZELLI, E. Casas e apartamentos do bairro Vista Bela em Londrina, Paraná. 2012.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014 (1970).
- CALDEIRA, T. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.
- CALIXTO, M. J. S.; MAIA, D. S.; SPINELLI, J. (org.). **Desigualdades socioespaciais, dinâmica imobiliária e o Programa Minha Casa Minha Vida em cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: Consequência, 2022.
- CARLOS, A. F. A. Diferenciação socioespacial. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 4, n. 7, p. 45-60, 2007. <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2007v4n6.12794>
- CARVALHO, M. S. Jovens e violência na cidade de Londrina – PR. **Revista da ANPEGE**, n. 7, v. 7, p. 31-48, jan./jul. 2011. <https://doi.org/10.5418/RA2011.0707.0003>
- CRISTIANO, H. H.; SANCHEZ, T. L. B.; LUIZ, L. S. M.; RIBEIRO, I. O.; OLIVEIRA, M. H.; SUGUIHIRO, V. L. T. Vejo na TV o que eles dizem sobre o “Vista Bela” não é sério: mídias alternativas e juventude. **Revista Guará**, n. 11, p. 153-165, 2019. <https://doi.org/10.30712/quara.v0i11.21186>
- FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- FERNANDES, F. A. **Violência, medo e estigma: efeitos sócio-espaciais da “atualização” do mito da marginalidade no Rio de Janeiro**. 2009. 506 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- FRESCA, T. M. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. **Geografia** (Londrina), Londrina, v. 11, n. 2, p. 241-264, 2002.
- HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística . **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- KOWARICK, L. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- LINDÓN, A. El mito de la casa propia y las formas de habitar. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 9, n. 194 (20), ago. 2005.

LOLIS, D. Homicídios de jovens e segregação socioespacial em Londrina. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 31, n. 2, p. 221-240, jan./dez. 2011. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2010v31n2p221>

MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.612.a13477>

MINISTÉRIO DAS CIDADES. SECRETARIA NACIONAL DE HABITAÇÃO. **Planilhas de dados do Programa Minha Casa Minha Vida**, 2009-2015.

OPENSTREETMAP. **Exemplo Simples do OpenLayers**, 2017.

PLAENGE. Vista aérea do bairro Gleba Palhano. 2022. Disponível em: <https://blog.plaenge.com.br/sonho-de-viver-bem-muito-alem-da-localizacao-do-empreendimento/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

RIBEIRO, W. S. Londrina e a reestruturação urbana: atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina**. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 193-328.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Ed. UNESP, 2013.

TAROBALONDRINA. **Equipe de reportagem da TV Tarobá é ameaçada por bandidos no Vista Bela**. YouTube, 8 de jan. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sciPUZ5XWRI>. Acesso em: 01 jun. 2023.

WACQUANT, L. J. D. O surgimento da marginalidade avançada: notas sobre sua natureza e implicações. **Revista de Sociologia e Política**, n. 8, p. 131-144, 1997.

WACQUANT, L. J. D. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da Universidade do Porto**, Porto, n. 16, p. 27-39, 2006.

WACQUANT, L. J. D. Subúrbios populares em tempos de marginalidade avançada. **Revista PCCAAM Minas**, v. 1, n. 1, p. 11-18, 2008.

---

Recebido em: 13/03/2023

Aceito para publicação em: 25/08/2023